

Dislates varonis de um monarca ostracizado

A relação da companhia catalã Els Joglars com o público do Festival conta já com mais de duas décadas: em 2000 causaram sensação no Teatro da Trindade com o espectáculo *Daaali*, tendo regressado nos anos seguintes, ao Teatro Nacional D. Maria II, com *El retablo de las maravillas* e *En un lugar de Manhattan* — encenações de Albert Boadella, que dirigiu o grupo desde a sua fundação até 2012, quando passou o testemunho a Ramon Fontserè. Foi de Fontserè a direcção de *Valha-nos Aristófanes!*, um dos espectáculos que os espectadores mais apreciaram em 2023. Este ano Boadella traz-nos uma peça que se inscreve na tradição que os bobos da corte mantinham com o poder: *El rey que fue*

consiste num retrato satírico de Juan Carlos I, cuja vida, segundo o decano encenador, “dava uma verdadeira tragédia shakespeariana”. Em digressão por Espanha há mais de um ano, esta criação assenta na impecável interpretação de Fontserè, capaz de em cena se tornar “um verdadeiro sósia” do rei emérito do país vizinho, segundo o *El País*.

Em *O rei que foi*, Albert Boadella — o mestre — volta a dirigir Ramon Fontserè — o discípulo — e o restante elenco dos Joglars, dez anos depois de terem colaborado pela última vez. Estamos no ano de 2023, no Golfo Pérsico. Um rei emérito, velho e exilado, quer invocar o sabor da sua amada e longínqua pátria. Organiza então uma festa num veleiro

de luxo, para degustar uma *paella* em alto-mar. Foram convidados jornalistas, amigos, amigas, xeques e familiares. O que pode correr mal? Eis uma viagem a parte nenhuma. Uma revisão humana e sem concessões da vida de Juan Carlos I, e da História de Espanha nas últimas cinco décadas. Uma tragédia shakespeariana de um rei votado ao ostracismo, que traz à cena fantasmas do passado, decisões que tomou, arrependimentos e orgulhos. O que terá corrido mal, para que este monarca acabasse assim?

As distintas situações criadas e vividas pelo rei emérito ao longo da sua vida têm alguns pontos em comum com a tragédia clássica: a infância e a juventude passadas longe dos pais, entregue à tutela de um ditador; a morte do irmão, devido a um disparo fortuito da sua pistola; a coroa arrebatada ao pai; o poder absoluto, herdado da ditadura e entregue à democracia; o golpe militar frustrado no último instante; as manigâncias económicas; a inclinação incessante para as amantes; e, por fim, a abdicação a favor do filho e o exílio. Agora o rei está sozinho, lamentando-se por não ter podido gozar das prerrogativas e das imunidades que desfrutaram os antigos monarcas da sua estirpe.

Nesse sentido, está convencido de que foi o último rei autêntico, segundo a tradição mais genuína, mas ninguém lhe reconhece tal apanágio. Entre a realidade e o delírio, vamos assistindo à rememoração de distintos episódios verídicos, assim como às confissões e aos pretextos a que o monarca recorre para justificar ou deplorar a atitude controversa que manteve ao longo do seu reinado.

Amanhã no Palco Grande.



Palmas para a Lia Gama!

A actriz Lia Gama vai ser homenageada amanhã às 22h, no Palco Grande da Escola D. António da Costa. É uma tradição do Festival homenagear uma personalidade, ou uma instituição, que se tenha dedicado ao teatro e às artes. Esta homenagem contará com a presença da actriz Maria João Luís, de Santiago Galvão (actor e neto de Lia Gama), da Presidente da CMA, Inês de Medeiros, e do director artístico do Festival, Rodrigo Francisco. Lia Gama tem mais de sessenta anos de carreira, tendo-se evidenciado no teatro, na televisão e no cinema.

Camões, Camões amanhã na Cerca

O tradicional Encontro da Cerca é já amanhã. Começa às 15h, na Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, e é aberto a todos. Este é o ano das comemorações do V centenário do nascimento de Luís de Camões, e o Festival, em co-organização com a Comissão para as comemorações desta efeméride, convidou dois painéis de criadores para um encontro que será moderado pela jornalista de cultura e escritora Isabel Lucas.

No primeiro painel intervirão a cantora Aldina Duarte e o escritor e cantor Jorge Vaz de Carvalho. O segundo grupo é com-

posto pelo historiador Diogo Ramada Curto (director da Biblioteca Nacional), pela poeta Golgona Anghel e pelo coreógrafo Fernando Duarte (director da Companhia Nacional de Bailado). Virão à baila, certamente, os amores impossíveis do Poeta, as bolandas de uma vida em pedaços repartida, o despeito face à soberba de quem manda. Camões que tinha um escravo; Camões enamorado na corte; Camões indo ao Paço pedir a tença.

Qual o Camões de quem convidámos para conversar connosco? E que Camões legam a quem os lê e os ouve — a nós também?

O Festival visto de fora

Sobre “ouvir o público”

Em Portugal, o 42.º Festival de Almada, além de ocupar as diversas salas de espectáculos da cidade, também decorre do outro lado do Tejo. Na sua ‘declaração de intenções’, intitulada *Ouvir o público*, o director artístico do Festival recorda o costume segundo o qual, desde 1987, o público do Festival tem uma palavra a dizer, uma vez que vota para designar a sua peça preferida, que regressará no ano seguinte como Espectáculo de Honra. Uma tradição que, segundo Rodrigo Francisco, reflecte os laços entre o teatro e a democracia, cujo “berço comum remonta à Grécia antiga”.

Uma das exposições organizadas este ano pelo Festival permite aos espectadores mais assíduos recordar, através de imagens e vídeos curtos, todas as peças eleitas! Ouvir o público é, portanto, permitir que ele expresse a sua opinião através de uma votação, mas também dar-lhe a palavra durante os encontros ao final da tarde, na Esplanada da Escola D. António da Costa, onde, quando o sol se torna menos forte, acontecem as conversas com os criadores. E a felicidade é redobrada quando são os mais jovens, raparigas ou rapazes, que ousam fazer perguntas pertinentes ou pedir conselhos aos mais velhos!

Ouvir o público é, sem dúvida, também fazer com que os artistas fiéis, que há mais

ou menos tempo e de forma mais ou menos regular acompanham o Festival em Julho, voltem com novas criações: Thomas Ostermeier e a Schaubühne Berlin, Emma Dante, Joël Pommerat, a Familie Flöz, os Baro d’Evel, o Le Galactik Ensemble...

Ouvir o público, certamente, mas também correr riscos por ele, dar-lhe a possibilidade de descobrir as formas actuais e inovadoras que florescem nas artes cénicas, é justamente o que propõe a programação eclética deste Festival, onde grandes textos, passados ou presentes, convivem com espectáculos sem palavras; onde a dança, o circo contemporâneo, as marionetas e o teatro de objectos se insinuam e encontram o seu lugar entre criações mais convencionais.

JANINE & PAUL, in *Madinin’art* (Martinica)



© Pedro Castanheira

As aves estarão loucas?



© Pedro Castanheira

Da memória distante de um texto lido para um primeiro projecto, ainda no Conservatório, sobrava apenas um vínculo emocional. Mas o actor e dramaturgo Jorge Andrade, da mala voadora, mergulhou na “arrogância” de reescrever a obra-prima de Aristófanes. *Arrogância*, é mesmo palavra dele, mal a conversa começa a esvoaçar pela Esplanada. Embalado pelo vento e pelos males dos homens e das

sociedades, cujas feridas são abertas no texto original, em *As aves* o encenador desafia os instintos mais sombrios da natureza humana, mesmo se mascarados pelo sonho “de um lugar onde se possa fazer um ninho tão macio como uma cama de penas”. A frase já do novo texto, agora em cena, ilustra o diálogo entre o Homem e as Aves, o canto encantatório que as há-de convencer. Ou não fossem elas, as aves, “mais antigas do que os próprios deuses”. Será? Retórica, poder, traição, ganância, mesquinhez, manipulação. E mais, muito mais. Humor, dança, e algumas canções. Tudo se conjuga num cenário de utopia, onde a sátira de Aristófanes faz caminho até aos excessos e aos dilemas da sociedade contemporânea: “Os assuntos são políticos, mas não para dar lições, ou para ser panfletário. Ao trabalhar os assuntos quero dar-lhes um figurino mais emocional do que literal. Interessa-me o lado artístico, mais do que denunciar”. Não se estranha por isso que as aves comecem a comer aves (são mesmo frangos assados) e que a fome do poder nos sirva novas armadilhas de gaiola. Hoje como há 400 anos a.C..

TERESA DIAS MENDES

Agenda de Amanhã

ENCONTROS DA CERCA CAMÕES, CAMÕES

Casa da Cerca — 15H00

UM ADEUS MAIS-QUE-PERFEITO

TMJB — 18H00

AS AVES

CCB — 19H00

A COLÓNIA

Culturgest — 19H00

CURCUMBIA

Esplanada — 20H30 & 24H00

EL REY QUE FUE

Escola D. António da Costa — 22H00

Restaurante da Esplanada

HOJE

Salsicha brasileira com lentilhas
Lulinhas à algarvia
Salada de melancia e queijo feta

AMANHÃ

Lasanha de carne
Peixe frito com arroz de grelos
Arroz *thai* com feijão e aipo

O Livro do Dia



2€ nas bancas do Festival